

**A inserção da Bahia na economia internacional no biênio 2019/2020***Gesner Brehmer de Araújo Silva¹*

Resumo: Desde o advento dos processos de globalização, ainda no final do século passado, as relações comerciais internacionais vêm, paulatinamente, ganhando cada vez mais intensidade e velocidade, tendo como resultado tanto o aumento da produção mundial, quanto o surgimento de acordos comerciais e blocos econômicos que possibilitam aos países inserir-se nesses mercados externos. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo estudar e analisar a inserção baiana na economia internacional no biênio 2019/2020. Para o cumprimento desse objetivo, além de uma análise teórica da economia internacional e uma análise da evolução econômica da Bahia, foram utilizadas as bases de dados de exportações e importações da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) e do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) de modo a estabelecer análises da inserção da economia baiana na economia internacional, principalmente no âmbito das exportações e importações. Os resultados obtidos revelam que a Bahia tem, em suas principais conexões globais, as *commodities* agrícolas e os produtos derivados da indústria química e petroquímica, que por sua vez tem como principal destino a China, União Europeia e Estados Unidos, além de apresentar significativas quedas em suas relações com a América do Sul.

Palavras-chave: Bahia. Brasil. Inserção Internacional.

Bahia's insertion in the international economy in the biennium 2019/2020

Abstract: Since the advent of globalization processes at the end of the last century, international trade relations have been gradually gaining more intensity and speed, resulting in both the increase in world production and the emergence of trade agreements and economic blocks that make it possible countries to enter these foreign markets. In this context, this article aims to study and analyze Bahia's insertion in the international economy in the 2019/2020 biennium. To fulfill this objective, in addition to a theoretical analysis of the international economy and an analysis of the economic evolution of Bahia, the export and import databases of the Superintendency of Economic and Social Studies of Bahia (SEI) and the Ministry of Industry were used. Foreign Trade and Services (MDIC) in order to establish analyzes of the insertion of the Bahian economy in the international economy, mainly in terms of exports and imports. The results obtained show that Bahia has in its main global connections with agricultural commodities and products derived from the chemical and petrochemical industry, whose main destination is China, the European Union and the United States, in addition to presenting significant declines in its relations with the South America.

Keywords: Bahia. Brazil. International insertion.

¹ Mestre em Planejamento Territorial pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS). Professor da Faculdade Santíssimo Sacramento(FSSS), ID ORCID:0000-0002-3331-3826. E-mail: gesnerbrehmer@hotmail.com.

Introdução

O debate sobre a importância do comércio internacional como fomento ao desenvolvimento econômico não é novo. Como destaca Porto *et al.* (2017), inúmeras teorias que variam desde o conceito de vantagem competitiva de Ricardo, pelo modelo 2x2 fatores de Heckser-Olin e pelo modelo de economias iguais de Krugman, debatem em que medida o comércio entre países pode contribuir para o crescimento econômico desses mesmos países, através do aumento da concorrência, do emprego e da renda.

De fato, o comércio internacional tem sido o principal motor do crescimento global, de convergência de renda e de redução da pobreza. Países em desenvolvimento e emergentes têm se beneficiado de oportunidades de transferência de tecnologia e de se submeter a transformações estruturais de suas economias através da integração pelo comércio internacional nas últimas décadas (CANUTO, 2016).

Esse processo do qual pontua Canuto (2016), se acentua no final dos anos 1990 com a globalização, que como destaca Lima (2006, p.13):

A economia global vem passando por um processo de intensificação dos fluxos comerciais que supera a dinâmica da própria produção mundial. [...] a proliferação de acordos comerciais (entre nações, entre estas e os blocos econômicos e estes entre si) e os tratam como decisões estratégicas que melhoram as condições necessárias para que um país seja projetado a uma posição de liderança no movimento da globalização.

Em contrapartida, o Brasil aparenta não apresentar um papel de destaque em relação à sua inserção na economia internacional. Como destacam Canuto e Fleischhaker (2015) e Oliveira (2014) e Chesnais(2016), com o surgimento do processo de globalização financeira em 1973, com o fim dos acordos de Bretton Woods, é observado que desde meados da década de 1980, o país vem apresentando significativas perdas relacionadas à participação da indústria de transformação na economia diante de um baixo nível de renda *per capita*, o que a literatura convencionou chamar de desindustrialização². Esse processo expõe os problemas estruturais pelos quais passam a economia brasileira, dentre os quais merecem destaque, segundo Lohbauer (2014), o fato de que a economia brasileira é uma das mais fechadas do mundo ao consideramos a relação do volume de comércio como proporção do Produto Interno Bruto (PIB).

Esse combo de problemas (indústria em queda e baixo volume de comércio internacional) se potencializou após a crise de 2009, trazendo consigo a redução do desenvolvimento econômico, um crescimento do setor de serviços (que passa a absorver boa

² Ver Rowthron e Ramaswamy (1999); Oreiro e Feijó (2010).

parte da mão-de-obra da indústria) e impactam diretamente as exportações brasileiras, uma vez que, com a perda de força da indústria, esta última passa a se “especializar” na produção e exportações de produtos primários.

Segundo Cervo e Lessa (2014), principalmente durante o período 2011-2014, o Brasil perde inúmeras oportunidades de combater a crise iniciada em 2008 e de penetrar de maneira mais profunda a economia internacional, devido à escolha de uma estratégia não adequada de inserção em um novo modelo de desenvolvimento externo, dentre outros fatores, preferindo voltar-se ao comércio interno. Como destacam Cervo e Lessa (2014, p. 145):

Ora, como a economia nacional alcançara o maior índice de industrialização da América Latina, o dinamismo do comércio exterior brasileiro estava ligado ao dinamismo das exportações de manufaturados. Urgia proceder a uma reestruturação produtiva nesse sentido, para repor a pauta industrial do comércio exterior. Como não ocorreu, as estatísticas indicam consequências negativas e múltiplas.

Os efeitos da crise iniciada em 2008 provocam um acentuado processo de estagnação da economia, do qual Lacerda e Ramos (2020) e Pessoti (2020) destacam o comportamento do Produto Interno Bruto *per capita* (PIB) do Brasil, ou seja, a renda média do país obtida dividindo o PIB total pelo número de habitantes, não cresceu mais do que 0,3% ao ano. Os dados se tornam ainda mais preocupantes uma vez que, segundo o mesmo autor, o PIB *per capita* caiu aproximadamente 6% durante os anos 2015-2016 configurando assim um processo de crise econômica no Brasil, que provoca não apenas a redução da renda dos trabalhadores, mas também desemprego através dos fechamentos de postos de trabalho.

Aliado a esse processo de crise, o ano de 2020 é marcado pela pandemia do novo corona vírus, que acentua ainda mais o processo de crise da economia brasileira, visto os impactos do vírus através do isolamento social e do fechamento de atividades intensivas de contato (setor de serviços), no qual Blanchard (2020) destaca serem os maiores geradores de riqueza da maioria dos países.

Como parte da economia brasileira, a economia baiana também sente os efeitos econômicos da pandemia, no qual segundo dados da SEI(2021), houve uma retração de 3,4 % no Produto Interno Bruto, sendo as principais retrações no setor de serviços(6,4%) e indústria extrativa(10%).

Em face do exposto, o presente artigo tem como objetivo estudar e analisar a inserção baiana na economia internacional no biênio 2019/2020 uma vez que o estado da Bahia faz parte da economia nacional, enfrentando problemas similares do ponto de vista da sua inserção no comércio internacional e dos efeitos do novo corona vírus. Para o cumprimento desse objetivo, este artigo utilizou as bases de dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da

Bahia (SEI) e do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) para detectar as relações internacionais em termos de exportação e importação dessas economias.

O artigo conta com três seções, além desta introdução e das considerações finais, sendo a primeira seção com uma breve revisão teórica sobre as principais teorias de comércio internacional, a segunda seção com uma análise da evolução econômica da Bahia e a última seção com a análise dos dados disponíveis na SEI e no MDIC de modo a explicitar as principais conexões internacionais da economia baiana.

A importância da Economia Internacional

Estudar as relações de comércio internacional é analisar de que modo os diferentes países do mundo cooperam entre si dentro de um sistema de interdependência entre eles. Dentro deste sistema, não apenas as relações comerciais ganham importância, mas também relações e instrumentos políticos, a cultura, a sociedade e os governos são preponderantes para analisar qualquer tipo de relação comercial atual.

Para Lima (2006), o estudo da economia internacional começa de fato em 1758 com o ensaio *Balance of Negotiations*³ de David Hume, que debatia os efeitos da política mercantil britânica na economia nacional e na europeia.

Vinte anos depois, o também britânico Adam Smith publica sua obra celebre intitulada de *The Wealth of Nations*⁴, no qual instaura de vez o debate sobre o intervencionismo na economia e sobre os mecanismos da “mão invisível” que acabaria, dentre outras coisas, a levar os preços mundiais de bens comerciáveis a um ponto de equilíbrio determinado por duas grandes forças: a oferta e a demanda mundial.

A partir dos estudos de Hume e Smith, outros autores passaram a se debruçar mais a fundo sobre as relações comerciais internacionais a partir do desenvolvimento de diversas e pertinentes teorias. Dentre estas teorias, algumas ganharam destaque como a teoria das vantagens comparativas de Ricardo, a teoria 2x2 fatores de Heckser-Olin e o modelo de economias iguais de Krugman.

Em relação às vantagens comparativas de Ricardo, essas seriam resultantes do aproveitamento das diferenças nas dotações do fator de produção trabalho. A capacidade de um país produzir um bem melhor, em seu próprio território que em outro, seria explicada pela produtividade do trabalho nas indústrias do país em questão (LIMA, 2006).

³ Do equilíbrio das negociações (Tradução Nossa).

⁴ A riqueza das nações (Tradução Nossa).

Com base nos pressupostos ricardianos, a teoria de Heckser-Olin acrescentou novos elementos ao debate. Segundo esse modelo, o determinante das vantagens comparativas não mais pode ser entendido como as dotações do fator trabalho, mas sim a partir da abundância proporcional de outros fatores de produção como o capital. Para que um país tenha vantagem comparativa em relação a outros, duas condições precisam ser atendidas: i) utilizar de forma correta das diferenças das dotações dos fatores e; ii) se o comércio exterior for conduzido a uma equalização entre os preços dos fatores de produção entre os países.

Já o modelo de Krugman foi baseado em um modelo de comércio internacional baseado nas diferenças nas técnicas de produção e nos produtos feitos de acordo com o nível tecnológico utilizado para a produção desses produtos. Como salienta Krugman e Obstfeld (2001, p. 22):

[...] a organização da produção, as economias de escala, a concorrência imperfeita e a acumulação de capital e tecnológica (aprendizagem) conduzem a um patamar de produtividade ou de economias de escala dinâmicas que implicam o aumento do comércio internacional.

Esses modelos em diferentes períodos da história contribuíram para tornar o campo da economia internacional um ramo importante de análise pautada nos efeitos do comércio internacional na economia real. A economia internacional ganha ainda mais importância com o processo de globalização iniciado nos anos 1970 e que perdura neste século XXI.

Com a consolidação deste processo, tem-se o crescimento das redes de comunicações, as reduções de distâncias, as formações dos blocos econômicos, os acordos comerciais e as novas formas de produção, que resultam em uma aproximação jamais vista até então entre as nações mundiais, seja comercializando produtos e serviços, seja com os investimentos estrangeiros diretos que movimentam vultosos fluxos de dinheiro. A economia torna-se assim cada vez mais global, sendo praticamente impossível qualquer país não ter algum tipo de relação econômica neste contexto.

Ato contínuo, diante deste cenário, é importante entender quais as relações econômicas internacionais a economia baiana estabelece ao longo do biênio 2019/2020. Entretanto, antes dessa análise, é necessário discorrermos sobre a evolução econômica do estado da Bahia, de modo a compreender como, a partir de uma macro análise, a formação econômica baiana se correlaciona com o comércio externo.

Evolução Econômica do estado da Bahia

No que tange a evolução econômica da Bahia, segundo Pessoti e Sampaio (2009), desde o século XIX a então Província da Bahia já possuía uma economia pautada no setor agrícola, tendo o cacau como principal fonte de desenvolvimento econômico do estado e de relações de comércio exterior. Além disso, a então Província da Bahia já possuía uma estrutura industrial baseada predominantemente no ramo têxtil, sendo também encontradas fábricas de charutos, sabonetes e do ramo metalúrgico, sendo essas últimas as mais voltadas para a demanda interna.

Como argumentam Guerra e Teixeira (2002) e Cavalcante (2008), foi somente a partir dos anos 1950 que o fomento à indústria passou a ser retomado através de intervenções estatais planejadas, sobretudo na Região Metropolitana de Salvador (RMS), e da oferta de terrenos infra estruturados e incentivos fiscais dos quais surgiram grandes obras importantes e históricas para a industrialização baiana nas décadas seguintes tais como a Refinaria Landulpho Alves, o Centro Industrial de Aratu (CIA), o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e o Centro Industrial do Subaé (CIS).

A partir destes empreendimentos, autores como Uderman (2005) e Pessoti e Pessoti (2010), destacam que há uma mudança no modelo de estrutura produtiva da economia baiana, que perde de vez a característica de economia agroexportadora e consolida a feição do desenvolvimento da indústria baseada na produção de bens de consumo intermediários, sobretudo nos setores siderúrgico-metalúrgico e petroquímico, de modo a servir como atividade complementar às dinâmicas industriais do Sudeste do país.

A partir do final dos anos 1980, sem poder contar mais com o apoio do Estado na dinamização das economias menos favorecidas, coube aos estados subnacionais procurar desenvolver um processo autônomo na condução do planejamento econômico. Aqueles que outrora galgaram um processo de acumulação capitalista (poupança) conseguiram manter o status dominante. Os outros, excluídos historicamente desse processo, tiveram que abrir suas economias ao capital estrangeiro, sobretudo com o apoio dos incentivos fiscais (LACERDA, PESSOTI E JESUS, 2013).

Essa dinâmica dos anos 1980, encontra continuação nas décadas seguintes, na economia baiana que tenta, através da reorganização das contas públicas (que permitiu a Bahia ter acesso a financiamentos de instituições que permitissem a execução de obras de infraestrutura econômica), e de programas fiscais como o PROBAHIA e o DESENVOLVE, atrair grandes indústrias de diversos setores de modo a promover tanto a diversificação da estrutura industrial do estado, quanto de promover maiores conexões com o setor externo .

Entretanto, esta tentativa de diversificação econômica não encontra êxito, e a economia baiana continua atrelada a um modelo quase inalterado voltado à produção de bens de consumo intermediários, ancorados na força do setor químico e petroquímico e altamente concentrados em torno da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Como destaca Lacerda *et al.* (2013, p. 152):

Os entraves à dinâmica de redimensionamento da espacialização produtiva baiana residiam na insuficiência de infraestrutura, nas pressões políticas regionais e nas dificuldades de acesso aos mercados, principalmente internacionais, de uma parcela considerável dos territórios do estado. A evolução econômica da Bahia sempre apresentou um perfil de pouca diversificação, o que resultou numa relação de extrema dependência das oscilações de um grupo restrito de mercadorias no cenário internacional.

Nos anos 2000, a economia baiana experimenta a introdução de novos setores industriais tais como celulose, papel, calçadista e automobilístico, e a expansão dos setores já tradicionalmente fortes permitiu à Bahia alcançar algum grau de diversificação significativo, de modo a ampliar o rol de produtos a serem comercializados no mercado externo, aumentando os fluxos comerciais e financeiros assim como o nível de exportações.

A crise de 2008 causa profundos impactos ao redor do mundo, incluindo a economia brasileira. Como destacam Lima e Deus (2013, p. 55-56):

Dado o papel fundamental das expectativas dos agentes, o setor bancário reagiu com muita prudência e retraiu consideravelmente o crédito na economia brasileira, levando, conseqüentemente, as empresas a reverem seus planos de produção e de investimento. A forte retração da oferta de crédito bancário tanto no mercado doméstico como a interrupção de linhas externas foram condições suficientes para provocar uma redução na demanda interna e ancorar as expectativas de inflação.

O segundo efeito recorrente da crise de 2008/2009 se dá nas transações de capitais no país e no preço da moeda internacional. A rápida e desordenada desvalorização do câmbio provocou uma forte desestabilização na economia brasileira. Várias empresas do setor produtivo, principalmente as exportadoras, auferiram fortes prejuízos com a desvalorização do Real. Além da própria redução das exportações, algumas empresas que se voltam para o mercado externo realizaram grandes quantidades de operações de *forward target* no período anterior à crise.

Entretanto, embora as medidas anticíclicas por parte do Estado tenham sido tomadas para a contenção da crise pós 2008, conforme salienta Nascimento *et al.* (p.32):

A economia brasileira, por sua vez, recupera-se lentamente, deixando incertos os horizontes possíveis de sua evolução macroeconômica. A conjuntura atual combina inflação baixa, taxa Selic em queda, tímida reativação do mercado de

trabalho, dificuldades fiscais relevantes, níveis de arrecadação tributária ainda baixos e capacidade ociosa na indústria. Essa conjunção de fatores não permite vislumbrar, em médio e longo prazos, uma saída sustentável para a crise, ainda que a elevada capacidade ociosa dos fatores de produção enseje um crescimento da produção no curto prazo. Por sua vez, a economia baiana ressentiu-se da grave crise que atingiu os setores da indústria e de serviços. Embora haja uma desaceleração no ritmo de queda destes, os indicadores não registram, diferentemente do que ocorre em outros estados, resultados positivos para estes setores. Portanto, a retomada da economia baiana ocorre de forma mais lenta em comparação com a economia nacional em seu conjunto.

Aliado a esse cenário de lenta recuperação econômica pós crise de 2008, o ano de 2020 é marcado pela pandemia do novo corona vírus que impacta palpavelmente as relações de comércio exterior. Com as restrições impostas pelo distanciamento social e trabalho remoto, inúmeras transações deixaram de ser realizadas, surgiram problemas de reabastecimento com a falta de componentes e/ou insumos ou até mesmo de atrasos na produção dos grandes mercados globais, o que acabou por gerar escassez de determinados produtos dos mais variados setores.

Em face do exposto, a última seção deste artigo pretende estudar e analisar a dinâmica das exportações e importações da economia baiana no biênio 2019/2020. A escolha por estes dois anos se deu para poder analisar (e demonstrar) as principais inserções da economia baiana no mercado internacional e, ao mesmo tempo, compreender os efeitos da pandemia do novo corona vírus nesta inserção.

A inserção da Bahia na economia internacional no biênio 2019/2020

Antes de analisar a inserção do estado da Bahia na economia internacional no biênio 2019/2020, é necessário compreendermos primeiro o contexto no qual a economia baiana está inserida, que é a economia brasileira. Compreender o comportamento da balança comercial brasileira (a diferença entre exportações e importações em um determinado período), é um importante indicador comparativo de desempenho seja entre países, nações ou regiões.

Os dados da Tabela 1 extraídos do banco de dados da Superintendência de Estudos Socioeconômicos da Bahia (SEI-BA), são referentes ao comportamento da balança comercial brasileira no biênio 2019/2020. Os dados demonstram que há variação negativa tanto do ponto de vista das exportações (- 6,88%), quanto das importações (-10,38 %), quanto da corrente de comércio (a soma das exportações mais importações), que tem uma redução de -8,42%, o que demonstra a relevância dos efeitos da pandemia do novo corona vírus no fluxo de comércio internacional brasileiro.

Tabela 1- Balança Comercial Brasileira no biênio 2019/2020.

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2019	2020	Var. %
Exportações	225.383.482	209.878.385	-6,88
Importações	177.347.935	158.937.295	-10,38
Saldo	48.035.548	50.941.090	6,05
Corrente de comércio	402.731.417	368.815.680	-8,42

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

Em relação à balança comercial da Bahia no biênio 2019/2020 é observada também uma tendência que acompanha a balança comercial brasileira, do ponto de vista da queda das exportações, importações e corrente do comércio. Entretanto, um dado chama a atenção em relação à economia brasileira que são as importações baianas, com queda de quase 30%, que resulta em uma queda da corrente de comércio de mais de 15 %. Esses dados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 1- Balança Comercial Baiana no biênio 2019/2020.

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2019	2020	Var. %
Exportações	8.168.158	7.838.197	-4,04
Importações	6.772.305	4.755.363	-29,78
Saldo	1.395.853	3.082.834	120,86
Corrente de comércio	14.940.463	12.593.560	-15,71

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

Para compreender de forma mais detalhada a acentuada queda das importações baianas no biênio 2019/2020, é necessário analisar de forma detalhada os principais setores da economia baiana, de modo a entender o impacto de cada um nas importações gerais. Os dados contidos na Tabela 3 demonstram que os bens de consumo intermediários (produtos químicos, metalúrgicos, borracha, papel, celulose entre outros), os combustíveis e lubrificantes e os bens de consumo não duráveis (alimentos, cosméticos, medicamentos entre outros), foram os principais afetados nas importações do biênio, uma vez que os referidos setores (principalmente o químico e o petroquímico) são, historicamente, os protagonistas da economia baiana.

Além disso, os dados da Tabela 3 demonstram que do ponto de vista da importação, o setor de bens intermediários participa por mais de 1/3 das importações do estado (75,17%),

sendo seguido de longe pelo setor de bens de capital (15,84%) e pelos combustíveis e lubrificantes (4,28%).

Tabela 2- Importações da economia baiana no biênio 2019/2020 por setor e categoria de uso.

Discriminação	(Valores em US\$ 1000 FOB)			
	2019	2020	Var. %	Part. %
Bens intermediários	4.960.601	3.574.453	-27,94	75,17
Bens de capital	814.514	753.480	-7,49	15,84
Combustíveis e lubrificantes	763.271	203.616	-73,32	4,28
Bens de consumo duráveis	103.750	127.297	22,70	2,68
Bens de consumo não duráveis	128.395	93.441	-27,22	1,96
Bens não especificados anteriormente	1.774	3.076	73,40	0,06
Total	6.772.305	4.755.363	-29,78	100,00

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

Por fim, da perspectiva das relações internacionais que a economia baiana estabelece em relação à importação, os dados da Tabela 4 e da Tabela 5 relatam, respectivamente, os principais países para os quais a Bahia importa os seus produtos, tanto em relação ao peso (medida pelas toneladas), quanto em unidades monetárias.

No que diz respeito aos principais países das relações de importação, merecem destaque os Estados Unidos da América, Argentina, China, Espanha e Chile tanto em toneladas, quanto em valor monetário. Esses países, como destacam Cunha e Wanderley (2013), são considerados parceiros históricos da economia baiana desde o final da década de 1990, como fornecedores de insumos para a produção da economia baiana no setor de bens de consumo intermediário, e o Chile como principal fornecedor de cobre.

Tabela 3- Principais países de importações da economia baiana no biênio 2019/2020, por tonelada e valores monetários.

Países	Peso (ton)		Var. %	(US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %
	2019	2020		2019	2020		
Estados Unidos	2.422.046	1.505.028	-37,86	1.167.442	675.445	-42,14	14,20
Argentina	678.762	694.855	2,37	666.858	621.336	-6,83	13,07
China	190.405	252.028	32,36	610.619	615.548	0,81	12,94
Espanha	375.191	725.662	93,41	324.853	446.649	37,49	9,39
Chile	404.627	318.049	-21,40	460.917	323.669	-29,78	6,81

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

Em relação às importações por blocos econômicos, destaca-se a relação da Bahia com a Ásia e o Oriente Médio que responde pela maior participação em importações por blocos econômicos com 19,32% de tudo que foi importado no biênio 2019/2020, seguido de perto pela União Europeia com 19% e pela América do Norte com 18,24%. Os destaques do período ficam por conta da acentuada variação negativa das importações frente à América do Norte (-42,20 %) e com a América do Sul, Centra e Caribe (exceto Mercosul) com variação de -45,07%. Os dados estão disponíveis na Tabela 5.

Tabela 4- Importações baianas por blocos econômicos no biênio 2019/2020.

Blocos econômicos	Peso (ton)		Var. %	(US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %
	2019	2020		2019	2020		
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	375.814	433.985	15,48	956.427	918.762	-3,94	19,32
União Europeia – EU	1.330.964	1.271.943	-4,43	1.128.874	903.689	-19,95	19,00
América do Norte	2.753.395	1.777.779	-35,43	1.506.061	867.460	-42,40	18,24
Mercado Comum do Sul – Mercosul	760.943	941.919	23,78	712.011	707.339	-0,66	14,87
América do Sul, Central e Caribe (Exceto Mercosul)	1.388.733	820.067	-40,95	1.024.081	562.507	-45,07	11,83
Outros	2.803.606	1.708.964	-39,04	1.444.850	795.607	-44,94	16,73
Total	9.413.455	6.954.658	-26,12	6.772.305	4.755.363	-29,78	100,00

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

Em relação às exportações, os dados disponíveis na Tabela 6 demonstram os principais segmentos exportadores da Bahia no biênio 2019/2020. O setor de soja e derivados apresenta a maior participação nas exportações baianas, com variação positiva de 16,17 %, respondendo por 21,83 % ao final do período observado. Destaca-se também, no período observado, a variação negativa do preço médio do petróleo e derivados (-35,73%), Papel e Celulose (-22,04%) e Químicos e Petroquímicos (-24,89 %), setores industriais de extrema importância e relevância histórica e atual da economia baiana.

Tabela 5 - Os 10 principais setores exportadores da economia baiana no biênio 2019/2020 em termos percentuais e variação do preço médio.

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var.	Part.	Var. %
	2019	2020	%	%	Preço médio
Soja e Derivados	1.472.765	1.710.853	16,17	21,83	0,61
Petróleo e Derivados	902.735	1.165.606	29,12	14,87	-35,73
Papel e Celulose	1.171.045	1.007.883	-13,93	12,86	-22,04
Químicos e Petroquímicos	1.156.126	786.907	-31,94	10,04	-24,89
Algodão e Seus Subprodutos	577.909	567.746	-1,76	7,24	-6,60
Metais Preciosos	434.748	522.158	20,11	6,66	21,39
Metalúrgicos	862.804	493.048	-42,86	6,29	-37,19
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	123.982	275.972	122,59	3,52	-17,69
Minerais	163.094	239.026	46,56	3,05	-25,62
Cacau e Derivados	197.294	200.420	1,58	2,56	3,28

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

No que diz respeito aos principais países das relações de exportação, a China ocupa papel de destaque na liderança do biênio, com uma pequena variação negativa (0,11%) e respondendo ao final de 2020 por 28,78% das exportações baianas. Segundo Ruiz (2006) e Cunha e Wanderley (2013), a Bahia foi beneficiada pelas políticas de liberalização das atividades econômicas dos planos centrais e pela permissão para organização de empresas públicas chinesas, que permitiram ao país se tornar um grande *player* na economia internacional aproveitando o grande fluxo de capital através das multinacionais, da entrada na Organização Mundial de Comércio (OMC), se abrindo de vez para o mercado externo através de uma política voltada ao crescimento econômico via abastecimento do mercado consumidor, no qual as importações tiveram papel primordial. Os dados referentes estão contidos na Tabela 7.

Tabela 6- Principais países de exportações da economia baiana no biênio 2019/2020, por tonelada e valores monetários.

Países	Pest (ton)		Var.	(US\$ 1000 FOB)		Var.	Part.
	2019	2020	%	2019	2020	%	%
China	4.476.608	5.536.309	23,67	2.257.899	2.255.452	-0,11	28,78
Cingapura	1.480.484	3.755.415	153,66	647.152	1.049.370	62,15	13,39
Estados Unidos	698.455	662.978	-5,08	824.446	823.530	-0,11	10,51
Argentina	217.970	179.885	-17,47	610.573	423.702	-30,61	5,41
Suíça	3.221	3.080	-4,37	236.253	306.296	29,65	3,91

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020).

Em relação às exportações nos blocos econômicos, os dados da Tabela 8 demonstram que, assim como nas importações, a inserção internacional da economia baiana se dá principalmente com a Ásia que responde por 52,60% das exportações da Bahia, seguido pela

União Europeia com 15,07% e América do Norte com 13,57%. Chama a atenção no período, a variação negativa das exportações baianas em relação ao Mercosul (30,12%) e da América do Sul, Central e Caribe (30,79 %).

Tabela 7- Exportações baianas por blocos econômicos no biênio 2019/2020.

Blocos econômicos	Peso (ton)		Var.	(US\$ 1000 FOB)		Var.	Part.
	2019	2020	%	2019	2020	%	%
Ásia (Exclusive Oriente Médio)	7.068.896	10.371.736	46,72	3.810.819	4.123.088	8,19	52,60
União Europeia – EU	2.550.967	2.542.485	-0,33	1.378.704	1.181.575	-14,30	15,07
América do Norte	835.135	745.915	-10,68	1.164.100	1.063.503	-8,64	13,57
Mercado Comum do Sul – Mercosul	242.066	205.494	-15,11	667.305	466.309	-30,12	5,95
América do Sul, Central e Caribe (Exceto Mercosul)	253.005	232.349	-8,16	490.432	339.427	-30,79	4,33
Outros	422.530	542.191	28,32	656.799	664.295	1,14	8,48
Total	11.372.598	14.640.171	28,73	8.168.158	7.838.197	-4,04	100,00

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da SEI (2020) e do MDIC (2020)

Concomitantemente, a análise dos resultados obtidos pelas análises identifica que a inserção da economia baiana dentro do mercado internacional se dá sobretudo na produção e exportação de *commodities* agrícolas (soja e derivados) e produtos derivados da indústria química e petroquímica (petróleo e derivados), além do papel e da celulose, cujos principais destinos são a Ásia e a União Europeia como blocos econômicos, tendo a China como principal destino das exportações baianas. Sob a ótica da importação, a inserção no mercado internacional se dá nos bens intermediários e de capital advindos principalmente da Ásia e dos Estados Unidos da América.

Esses resultados corroboram com análises feitas por De Negri (2006), Spínola (2004) Pessoti e Sampaio (2009) e Silva *et al.* (2013), que destacam que no contexto internacional, historicamente a Bahia sempre obteve destaque em produtos semimanufaturados e manufaturados e em exportações agrícolas. Os autores, entretanto, chamam a atenção para o fato de que estes setores são menos dinâmicos e competitivos em relação aos padrões internacionais de comércio, sendo necessário pensar em um novo modelo de inserção internacional baseado na produção, sobretudo de tecnologia.

Como destacam Silva *et al.* (2013, p. 155), “o fato da pauta de exportação baiana ser especializada em produtos oriundos de firmas dominadas por fornecedores revela a defasagem tecnológica em que se encontra atualmente o setor industrial da economia baiana”.

Nesse sentido torna-se crucial, para promover uma maior inserção da economia baiana no mercado externo, que sejam firmadas parcerias entre as empresas e o setor público no sentido de

propor iniciativas voltadas ao aproveitamento da tecnologia, seja na captação de indústrias para o estado de modo a criar complexos tecnológicos, seja no investimento na capacitação da mão-de-obra existente no estado através do incentivo da educação e da tecnologia em diversos setores como produção de eletrônicos, inteligência artificial, nanotecnologia, internet das coisas, produtos farmacêuticos, além do fortalecimento por exemplo da indústria química, setor historicamente forte da economia baiana.

Em face do exposto, as medidas acima citadas contribuirão tanto para o aumento da competitividade das exportações baianas, quanto para o aumento da inserção e da diversificação da Bahia no mercado internacional, hoje “limitada” apenas a *commodities* e produtos oriundos dos setores químico e petroquímico.

Considerações Finais

As últimas três décadas foram marcadas por intensas transformações do ponto de vista dos fluxos comerciais globais, que impuseram inúmeros desafios para as economias nacionais, principalmente às economias fora do principal eixo mundial, para se realocarem nessas novas configurações.

Aliado a este processo, o ano de 2020 é marcado pela pandemia do novo corona vírus, que impõe medidas restritivas de distanciamento social, trazendo novas configurações do ponto de vista das relações globais tanto de exportação, quanto da importação de novos produtos, o que acabou por frear e atrasar inúmeras transações globais, reduzindo esse fluxo.

A proposta deste artigo consistiu em analisar a inserção da economia baiana no comércio internacional no biênio 2019/2020 no que diz respeito às exportações e importações, de modo a identificar tanto as principais conexões internacionais que a Bahia estabelece, quanto de analisar o impacto da pandemia do novo corona vírus dentro do comércio externo.

Como resultados obtidos, foi detectado que a crise do Covid-19 escancarou os problemas estruturais pelos quais a Bahia passa e já vinha passando ante mesmo da pandemia, tais como a inalteração de um modelo de desenvolvimento e de exportação pautado na produção de bens de consumo intermediários, sobretudo na pujâncias dos setores químicos e petroquímicos e ainda bastante concentrados em torno da Região Metropolitana de Salvador (RMS).

Tais entraves são nitidamente expostos ao analisarmos os dados das conexões internacionais da Bahia, nos quais ganham destaque as *commodities* agrícolas e os produtos derivados da indústria química e petroquímica, cujo principais destinos são a China, União

Europeia e Estados Unidos da América. Chama a atenção nos dados, as significativas quedas das relações da Bahia com a América do Sul.

Os desafios impostos para a economia baiana, tanto para o fim da pandemia quanto para a continuação do século, é se inserir nos fluxos globais de inovação e tecnologia, que permitirão à Bahia tanto uma maior inserção no comércio mundial, quanto um maior desenvolvimento econômico no estado nos próximos anos. Nesse sentido, é necessário não apenas um maior investimento na melhoria da educação do estado e nas políticas de inovação e tecnologia, mas aumentar a capacidade da Bahia de criar ambientes de investimento para os novos modos de produção advindos da chamada indústria 4.0, a partir da continuação do ainda tímido processo de desconcentração da produção. Além dessas medidas, há alternativas em relação às melhorias das próprias potencialidades da Bahia, como a integração das regiões econômicas do estado e como, por exemplo, a transformação das cadeias produtivas da ovinocaprinocultura e da apicultura em sistemas agroindustriais integrados, que permitirão que outras regiões do estado também possam fazer parte do processo de inserção internacional do estado da Bahia na economia mundial nos anos subsequentes.

Referências

- BLANCHARD, Olivier. A crise econômica do Covid. **Revista The Economist**. Londres, p.1-20, 2020.
- CANUTO, Otaviano; FLEISCHHAKER, Cornelius. **Currency depreciation is silver lining of Brazil's recession**. Beyondbrics, Financial Times, Londres, 2015.
- CANUTO, Otaviano. **What happened to World Trade?** Capital Finance International, Spring 2016, pp.14-18, Londres, 2016.
- CAVALCANTE, Luiz Ricardo. Maturidade tecnológica e intensidade em pesquisa e desenvolvimento: o caso da indústria petroquímica no Brasil. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 5, pp. 121–143, 2008.
- CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 57, p. 133-151, 2014.
- CHESNAIS, Francois. A globalização e o curso do capitalismo de fim de século. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 1–30, 2016.
- CUNHA, Rafael Cardoso; WANDERLEY, Lívio Andrade. Uma análise das exportações baianas e da influência chinesa com base no modelo gravitacional. Reflexões de Economistas Baianos. Salvador, Edição 2013, pp. 145-188, 2013.
- DE NEGRI, Fernanda. Padrões tecnológicos e de comércio exterior das firmas brasileiras. *In*: DE NEGRI, João Alberto; SALERNO, Mário Sérgio (orgs.). **Inovações, padrões tecnológicos e desempenho das firmas industriais brasileiras**. Brasília, IPEA, pp. 05-46, 2006.
- GUERRA, Oswaldo; TEIXEIRA, Francisco. 50 anos da industrialização baiana: do enigma a uma dinâmica exógena e espasmódica. **Revista Bahia: Análise & Dados**, Salvador, v. 10, pp. 87–98, 2002.
- KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional- Teoria e Política**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.
- LACERDA, Fernanda Calasans; PESSOTI, Gustavo Casseb; JESUS, Josias Alves. Transformações estruturais, (des)concentração espacial e inserção internacional: Uma análise para a economia baiana com base na teoria da base produtiva. **Revista Nexos Econômicos**, Salvador, v. 7, pp. 141-177, 2013.
- LACERDA, Antônio Carlos Corrêa; RAMOS, André Paiva. Pandemia e Economia: Desafios para o Brasil. **Revista Economistas**, Brasília, Ano XI, nº36, pp. 8-14, 2020.
- LIMA, Rivaldo Soares de. **Inserção Internacional do Nordeste Brasileiro: O caso da Bahia, Ceará e Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Economia-PIMES, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

- LIMA, Thaís Damasceno; DEUS, Larissa Naves. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. **Revista Cadernos de Economia**, Chapecó, v. 17, pp. 52-65, 2013.
- LOHBAUER, Christian. Abertura comercial brasileira: o possível e o desejável. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**. Rio de Janeiro, v. 121, pp. 01-08, 2014.
- MDIC. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Dados de Exportação e Importação Geral**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em Maio 2021.
- NASCIMENTO, Carla do; BRITTO, Elissandra; SANTANA, Pedro M. de. Economia baiana: retrospectiva 2017 e perspectivas. **Revista Bahia Análise e Dados**, Salvador, v. 27, pp. 31-53, 2017.
- OLIVEIRA, Susan Elizabeth Martins Cesar de. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional**: uma análise comparada das estratégias de inserção de Brasil e Canadá. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais-Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- OREIRO, José Luís; FEIJÓ, Carmem. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2010.
- PESSOTI, Gustavo Casseb. SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. Transformações na dinâmica da economia baiana: políticas de industrialização e expansão das relações comerciais internacionais. **Revista Conjuntura & Planejamento**, Salvador, n. 162, pp. 36-49, 2009.
- PESSOTI, Gustavo Casseb. PESSOTI, Bruno Casseb. A economia baiana e o desenvolvimento industrial: uma análise do período 1978-2010. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 12, n. 22, pp. 28-48, 2010.
- PESSOTI, Gustavo Casseb. Uma nova década perdida. **Revista Economistas**, Brasília, Ano XI, nº 36, pp. 24-29, 2020.
- PORTO, Paulo Costacurta de Sá; CANUTO, Otaviano; MOTA, Arthur Augusto Lula. **As possibilidades de inserção do Brasil nas cadeias globais de valor**. Revista IGEPEC, Toledo, v. 21, pp. 10-27, 2017.
- ROWTHORN, Robert; RAMASWANY, Ramana. Growth, trade, and deindustrialization. **IMF Staff Papers**, Washington D.C, v. 46, n. 1, pp. 18-41, 1999.
- RUIZ, Ricardo Machado. **Polarização e desigualdades**: o desenvolvimento regional na China (1949-2000). CEDEPLAR-Textos para discussão, 299). Belo Horizonte, 2006.
- SEI-Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=900&Itemid=216. Acesso em Maio 2021.

SILVA, Marcelo dos Santos; REZENDE, Adriano Alves de; LEAL, Priscila de Queiroz; MIYAJI, Mauren. Padrão de especialização tecnológica e competitividade das exportações baianas. **Revista Desenhahia**, Salvador, v. 12, pp. 131-162, 2013.

SPINOLA, Noelio Dantaslé. A economia baiana: os condicionantes da dependência. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 6, pp. 88-89, 2004.

UDERMAN, Simone. A indústria de transformação na Bahia: Características gerais e mudanças estruturais recentes. **Revista Desenhahia**, Salvador, n.3 , v. 2, pp. 07-34, 2005.

*Recebido em: 11 de maio de 2021.
Aprovado em: 16 de junho de 2021.*